

«Prepare-se para
se apaixonar.»

JULIA QUINN

Tessa Dare

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

Romance
com o Duque



Para todos os que são admiradores de qualquer coisa.

E para Tessa Woodward, que não tem maior admiradora que esta sua amiga.



Capítulo Um

O nome Isolde Ophelia Goodnight narrava uma vida de tragédia, e era exatamente isso que Izzy sentia, refletindo sobre a sua situação. Perdera a mãe ainda pequena, agora o pai. Não tinha um tostão. Nem tinha amigos.

Nunca desesperara.

Pelo menos até ao momento presente.

Nem pensar.

Porque o nome Isolde Ophelia Goodnight também sugeria romance. Um romance arrebatador, amaldiçoado, fantástico. E desde pequena que Izzy Goodnight aguardava — cada vez com menos esperança e mais impaciência — pelo início dessa parte da sua vida.

Assim que a idade lhe permitiu compreender a morte da mãe, Izzy consolou-se com a ideia de que tudo isto fazia parte da sua história fantástica. As heroínas dos contos de fadas eram sempre órfãs de mãe.

Depois de o pai gastar todos os proventos e de a criada ser despedida, disse para consigo que os trabalhos domésticos teriam, mais cedo ou mais tarde, a sua compensação. Todos sabiam que a Cinderela esfregara o chão antes de encontrar o belo príncipe.

Quando fez quinze anos, as finanças melhoraram, graças aos êxitos literários do pai. Mas nada de príncipe encantado. Porém, havia tempo. Izzy dizia para consigo que o nariz grande se adaptaria ao seu rosto e que o cabelo frisado acabaria por alisar.

Mas nada disso aconteceu. Neste caso, o patinho feio também não se transformou em cisne.

Fez dezassete anos e a data passou sem que picasse o dedo numa roca.

Aos vinte e um anos, a vida ensinou-lhe uma difícil verdade, algures na estrada entre Maidstone e Rochester. Os verdadeiros salteadores de estradas nunca eram diabolicamente encantadores nem maliciosamente atraentes. Queriam apenas dinheiro, queriam-no de imediato e Izzy deveria dar-se por muito feliz por não se mostrarem interessados nela.

Um a um, deixou partir todos os seus sonhos de menina.

Depois, o pai morrera no ano anterior e assim todas as histórias terminaram. O dinheiro desapareceu logo a seguir. Pela primeira vez na vida, Izzy estava à beira do verdadeiro desespero.

Os seus desejos de amor romântico desapareceram. Agora contentar-se-ia em garantir a sua subsistência. Que contos de fada restariam a uma mulher de vinte e seis anos, feia, pobre e que nunca fora beijada?

Este.

Segurava a carta com força. Ali estava, preto no branco, a sua última esperança. Tentou não a apertar com demasiada força, com medo de a transformar em pó.

Cara Menina Goodnight,

É meu dever, como executor testamentário, informá-la do falecimento do Conde de Lynforth. No seu testamento, deixou-lhe — a si e a cada uma das filhas — um legado. Peço-lhe que se encontre comigo no Castelo de Gostley, perto de Woolington, no condado de Northumberland, no próximo dia vinte e um de junho, para acertamos os pormenores da sua herança.

Com os melhores cumprimentos,

Frederick Trent, Lorde Archer

Um legado. Talvez fossem cem libras. Vinte já seriam uma bênção. Ela estava reduzida a xelins e pence.

Izzy engoliu em seco ao avistar o Castelo de Gostley. Ao longe, poderia parecer romântico. Uma coleção de torreões desencontrados e ameias alinhadas surgia nos campos verdes e ondulantes. Porém, o parque em redor estava tão descuidado, tão denso e selvagem que, quando avistou a edificação, já receava a sua sombra.

O castelo não parecia acolhedor nem fascinante.

Impunha-se.

Ameaçava.

Izzy quase recebeu que a atacasse.

— Cá estamos, menina. — Tal como Izzy, o cocheiro parecia não gostar do castelo. Fez parar os cavalos num local afastado da barbacã, junto à casa da guarda, situada a alguma distância.

Depois de a ajudar a descer da carruagem, o homem levantou a gola do casaco e descarregou a bagagem — uma pequena mala muito gasta. Levou-a até aos degraus de pedra da antiga casa da guarda, afastou-se bruscamente, meteu as mãos nos bolsos e pigarreou. À espera.

Izzy percebeu o que ele pretendia. Pagara-lhe em Woolington — nunca concordaria em levá-la sem pagamento antecipado — mas agora queria uma expressão adicional de agradecimento. Retirou uma moeda de seis pence da bolsa. Restavam tão poucas que a bolsa nem chocalhava.

O cocheiro meteu a gorjeta na algibeira e levou a mão ao boné.

— Como disse que se chamava, menina?

— Goodnight. Menina Izzy Goodnight.

Ficou à espera de que ele reconhecesse o nome. A maioria das pessoas cultas em Inglaterra reconhecê-lo-ia, e também muitos dos seus serviços.

O cocheiro limitou-se a resmungar:

— Pois. Queria saber para o caso de alguém aparecer a perguntar. Se nunca mais ouvirem falar de si.

Izzy soltou uma gargalhada e esperou que o homem também se risse.

Ele não o fez.

Em breve, o cocheiro, os cavalos e a carruagem nada mais eram do que um leve ranger de rodas na estrada.

Izzy pegou na malinha e atravessou a barbacã. Uma ponte de pedra transportou-a por cima do que deveria ter sido um fosso, mas que não passava agora de um fio de água esverdeada.

Antes de se pôr ao caminho, fizera uma pequena investigação. Não que houvesse muito que ler. Apenas descobrira que, na época normanda, o Castelo de Gostley fora a sede do ducado de Rothbury.

Agora parecia desabitado. Faltavam vidros em muitas janelas. E nelas não se via luz. Deveria haver uma ponte levadiça para impedir a entrada — mas nada disso existia. Nem portão ou porta.

Izzy passou por baixo de um arco e foi ter a um pátio central.

— Lorde Archer? — A voz dissipou-se no ar. Experimentou de novo. — Lorde Archer, onde está? — Desta vez o grito ecoou respeitavelmente nas lajes do chão. Mas não obteve resposta.

Estava sozinha.

Sentindo-se aturdida pela estranha atmosfera que a rodeava e debilitada pela falta de alimento, Izzy fechou os olhos. Respirou fundo para que o ar lhe entrasse nos pulmões.

Não podes desmaiar. Apenas as tontinhas e as senhoras tuberculosas caem para o lado, e tu não és nem uma coisa nem outra.

Começou a chover. Gotas grandes, pesadas, de uma chuva de verão — das que sempre considerara vagamente vulgares e depravadas. Essas gotas de verão, gordas e embriagadas, rindo a caminho do solo, onde rebentam cheias de alegria.

Estava a ficar encharcada, mas a alternativa — abrigar-se dentro de uma das escuras arcadas — era-lhe ainda menos atrativa.

Um restolhar obrigou-a a dar um salto e a voltar-se. Era apenas um corvo que levantava voo. Viu-o voar por cima da muralha do castelo e desaparecer.

Soltou uma pequena gargalhada. Francamente. Era demasiado. *Um castelo enorme e desabitado, e agora corvos?* Alguém lhe estava a pregar uma partida cruel.

Avistou então um homem do outro lado do pátio, abrigado sob uma arcada escura.

Então, se era uma partida, pelo menos não era cruel.

Na natureza há coisas belas pela sua estrutura delicada e complicada simetria. Flores. Conchas. Asas de borboleta. Mas também há coisas belas pela sua força selvagem e recusa em se deixarem domar. Picos de montanha cobertos de neve. Nuvens de trovoadas. Leões de bela juba e dentes afiados.

O homem recortado em frente dela? Pertencia indiscutivelmente a esta última categoria.

E também o lobo sentado junto dele.

Não poderia ser um lobo, disse para consigo. Seria certamente um cão de uma raça diferente. Os lobos estavam extintos de tanto serem caçados. O último em Inglaterra morrera havia muitos anos.

Mas afinal... também pensava que já não se faziam homens como aquele.

O vulto mudou de posição e um raio de luz fraca revelou a metade inferior do seu rosto. Izzy viu de relance a fenda de uma boca grande e sensual. Um queixo quadrado, escurecido pelas patilhas. O cabelo demasiado comprido tocava-lhe o colarinho. Ou tocar-lhe-ia, se o tivesse. Por baixo do casaco vestia apenas uma camisa de linho, com os primeiros botões abertos. Uns calções de camurça cingiam-no desde as ancas estreitas às coxas musculadas... e, a partir daí, as pernas desapareciam num par de botas de soldado, já muito gastas.

Valha-nos Deus. Tinha um fraquinho por botas muito viajadas. Desejava desesperadamente conhecer todos os locais que haviam percorrido.

Sentiu o coração acelerado, o que não ajudou ao problema do aturdimento.

— Estarei na presença de Lorde Archer? — perguntou.

— Não. — A palavra foi pronunciada num tom baixo, implacável.

O animal rosnou junto dele.

— Oh. Eu... Lorde Archer está?

— Não.

— O senhor será o caseiro? — perguntou. — Espera-o em breve?

— Não. E não.

Seria troça o tom que lhe ouvia na voz?

Engoliu em seco.

— Recebi uma carta de Lorde Archer. Pedia-me que me encontrasse com ele aqui, nesta data, para tratar de assuntos relativos à herança do falecido Conde de Lynforth. Creio que me deixou um qualquer legado. — Estendeu-lhe a carta com mão trémula.

— Aqui tem. Gostaria de a ler?

Ele ergueu ligeiramente um canto da boca imensa.

— Não.

Izzy recolheu a carta o mais calmamente possível e voltou a colocá-la no bolso.

Ele encostou um ombro à arcada.

— Não vamos continuar?

— Continuar o quê?

— Este jogo — falava baixo, num tom que parecia rastejar sobre as lajes do chão, para logo lhe fazer estremecer as plantas dos pés. — Serei um príncipe russo? Não. A minha cor favorita será o amarelo? Não. Importar-me-ei que entre e retire toda a sua roupa encharcada? — A voz dele fez o impossível. Baixou ainda mais de tom. — Não.

Agora troçava dela. Sem dúvida.

Izzy apertou a mala de encontro ao peito. Não queria que *Snowdrop* se molhasse.

— É assim que trata as suas visitas?

Idiota. Amaldiçoou-se e preparou-se para ouvir outro «não» em tom baixo e trocista.

— Só as que são bonitas — disse ele.

Oh, meu Deus. Deveria ter adivinhado mais cedo. A fadiga e a fome tinham exercido efeito no seu cérebro. Quase acreditara na existência do castelo, do corvo, e no súbito aparecimento do homem alto, moreno e bem-parecido. Mas estaria ele a cortejá-la?

Tinha de ser uma alucinação.

A chuva caía, impaciente, das nuvens para o chão. Izzy via as gotas a ressaltarem nas lajes. Cada uma parecia retirava-lhe um pouco mais de força dos joelhos.

Os muros do castelo começaram a girar. Sentiu a visão obscurificada.

— Eu... perdão, eu...

A mala caiu ao chão.

O animal rosnou nesse momento.

O homem avançou das sombras.

E Izzy desfaleceu.

A jovem caiu nas lajes molhadas com um ruído surdo.

Ransom estremeceu com a ironia. Apesar de tudo o que acontecera, ainda fazia com que as damas desfalecessem. De uma maneira ou de outra.

Libertou *Magnus* com uma ordem em voz baixa. Assim que o cão terminou a sua investigação com o focinho húmido, Ransom afastou o animal e aproximou-se.

Passou as mãos pelo monte inerte de articulações e membros diante de si. Musselina molhada. Botinas gastas. Mãos pequenas, pulsos finos. Muito franzina. Parecia feita metade de saíotes, metade de cabelo.

E, Santo Deus, que cabelo. Espesso, encaracolado, abundante.

Sentiu o sopro quente da respiração da jovem junto à sua mão. Deslizou um pouco mais o toque para lhe sentir o bater do coração.

Tocou um seio cheio e redondo.

Atravessou-o uma onda de... qualquer coisa... espontânea. Não se tratava de sensualidade, apenas uma reação masculina. Deveria deixar de pensar nela como «a jovem». Não havia dúvida de que se tratava de «a mulher».

Ransom soltou um improperio. Não queria visitas. Principalmente visitas do sexo feminino. Já lhe bastava a filha do vigário da terra, a Menina Pelham. Passava quase todas as semanas pelo castelo, oferecendo-se para lhe ler os sermões ou qualquer outra tolice. Pelo menos quando a Menina Pelham iniciava a sua subida pelo monte, com um cesto cheio de boa vontade no braço, já esperava encontrar um homem marcado, com a barba crescida e desleixado. E era suficientemente sensata para não desmaiar à vista dele.

Esta mulher caída sobre as lajes não esperara encontrar Ransom.

Que lhe dissera acerca de um Lorde Archer? Tinha com ela uma carta que o explicava, mas, nesse momento, não queria preocupar-se com aquilo. Precisava de a levar para dentro — de a aquecer e de a fazer beber chá com um pouco de uísque e leite.

Quanto mais depressa recuperasse os sentidos, mais depressa partiria.

Com alguma dificuldade, levantou-se, tomando nos braços a forma molhada e inconsciente. Ajustou o peso, tentando encontrar o fulcro entre as ancas e os ombros dela, dirigiu-se depois às escadas e levou-a para dentro.

Contou os degraus. *Cinco... seis... sete...*

Quando pisou o oitavo degrau, a jovem agitou-se-lhe nos braços e ele imobilizou-se, aguardando expressões de desagrado. Ela desmaiara ao vê-lo pela primeira vez. Se acordasse e visse que ele a levava ao colo, poderia morrer de susto. Ou dar-lhe cabo dos tímpanos com um grito. Exatamente aquilo de que ele menos precisava — um problema num tímpano.

Izzy resmungou ao de leve, mas não acordou. Não. Fez uma coisa muito pior.

Encostou-se a ele.

Deslizou para o lado. Aconchegou-se-lhe nos braços e apoiou a face no peito dele em busca de calor, soltando ao mesmo tempo um gemido suave e rouco.

Outra onda de... qualquer coisa... passou por ele. Fez uma pausa momentânea, absorvendo aquela invasão cortante antes de continuar a subir as escadas.

Caramba. O que seria para Ransom pior do que uma mulher desmaiada? Talvez uma mulher que se aconchegava. Desde que sofrera aqueles ferimentos que não queria ninguém demasiado perto. E muito menos uma pessoa que se aconchegasse a ele, muito obrigado mas não. Para isso já tinha um cão.

O animal subiu adiante até ao cimo das escadas, para entrar no enorme átrio do castelo. Este espaço era para ele uma espécie de acampamento. Ali dormia, comia, bebia... soltava impropérios e amuava. Duncan, o seu criado, insistia sempre para que abrisse mais aposentos do castelo, mas Ransom não percebia a utilidade.

Colocou a jovem... a mulher... no decrepito sofá de crina, empurrando-o para mais perto da lareira. As pernas do sofá arranharam o chão de pedra e ele ficou à espera para ver se ela se mexia.

Nada.

Abanou-lhe o ombro ao de leve.

Nada.

— Acorde — disse em voz alta. — Olhe. É o Lorde Archer.

Nada.

Ransom puxou uma cadeira e sentou-se. Cinco segundos depois, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Vinte e três passos até à janela na parede esquerda. Depois voltou. Tinha as suas qualidades, mas a paciência não era uma delas. A inação tornava-o num animal resmungão e mal-humorado.

Quando Duncan regressasse, poderia mandar chamar o médico. Mas o criado só voltaria daí a horas.

Magnus ganiu e farejou-lhe as botas.

Ransom mandou o cão para o tapete junto à lareira. Depois, acocorou-se junto ao sofá e colocou uma mão no pescoço da mulher. Passou a mão por essa coluna lisa e delicada até lhe encontrar o pulso com a ponta dos dedos. A pulsação era mais fraca do que ele gostaria, e muito acelerada. Maldição.

Ela voltou a cabeça, fazendo deslizar a face macia na mão dele. Depois, aconchegou-se mais uma vez. A fricção soltou leves sugestões de uma fragrância suave e feminina.

— Sedutora — resmungou, com amargura.

Se uma mulher desfalecida tinha de se aconchegar a ele e desmaiar à sua porta, porque não uma que cheirasse a vinagre e a queijo velho? Não. Tinha de ser uma perfumada a rosmaninho e com uma pele doce e pulverizada.

Pousou-lhe o polegar na face molhada da chuva.

— Por amor de Deus, mulher, acorde.

Talvez tivesse batido com a cabeça nas lajes. Meteu-lhe os dedos por entre os cabelos, apanhados no alto da cabeça, arrancando-lhe os ganchos. Estes eram às dezenas e cada um que saía soltava uma massa de cabelo que parecia cada vez mais rebelde. Mais zangado. Os caracóis embaraçavam-se e enrolavam-se-lhe nos dedos, obstruindo as suas explorações. No instante em que se sentiu satisfeito por perceber que o crânio dela estava intacto, poderia acreditar que aquele cabelo estava vivo. E cheio de fome.

E o crânio estava intacto, sem altos ou galos que detetasse. Mas ela ainda não emitira um som.

Talvez estivesse ferida em qualquer outro lado. Ou talvez usasse um espartilho demasiado apertado.

Só havia uma maneira de descobrir.

Com um suspiro de impaciência, despiu o casaco e arregaçou as mangas. Colocando-a de lado, afastou o cabelo predador

e encarregou os dedos da tarefa de lhe desabotoar os botões das costas do vestido. Estava destreinado, mas havia coisas de que um homem não se esquecia e uma delas era como desabotoar o vestido a uma mulher.

Como desapertar as fitas de um espartilho era outra.

Ao puxar os cordões das ilhós do corpete, sentiu as costelas expandirem-se sob as suas mãos. Ela mexeu-se e soltou um suspiro rouco e sensual.

Ele imobilizou-se. Outra onda de... qualquer coisa... invadiu-lhe as veias e dessa vez não pôde considerá-la uma terna tolice.

Tratava-se de luxúria, pura e simples. Passara um tempo perigosamente longo sem ter uma mulher nos braços.

Afastou a resposta física. Com movimentos práticos e bruscos, baixou-lhe as mangas do vestido, tocando-lhe nos braços em busca de ossos partidos. Depois começou a baixar o corpete até à cintura. Não podia deixá-la ali ficar com a roupa molhada, correndo o risco de apanhar um resfriado.

Mereceria toda a gratidão da parte dela pelo cuidado, porém, não sabia porquê, mas parecia-lhe que não a receberia quando ela acordasse.

Izzy recuperou bruscamente os sentidos.

Estava dentro de casa. No interior do castelo. Rodeavam-na pilares, qual árvores antigas que se erguessem para apoiar o teto abobadado de um salão enorme e cavernoso.

Olhando em volta, viu esparsas peças de mobiliário em vários estados de decadência. Na parede mais próxima havia uma grande lareira. Se nela não ardesse um lume enorme, não duvidava de que se poderia meter dentro dela sem sequer se baixar. O fogo era alimentado não por bocados de madeira ou paus, mas por troncos de árvore inteiros.

Estava deitada num sofá poeirento e cheio de altos e alguém lhe cobrira o corpo com um cobertor de lã áspera. Espreitou para

dentro e estremeceu. Fora destituída de vestido, espartilho, saíotes e botas. Apenas lhe restavam a camisa e as meias.

— Deus do céu!

Levou a mão ao cabelo solto. A tia Lilith tinha razão. Insistira constantemente com Izzy durante os verões que ela passara no Essex: «Não importa que ninguém veja», grasnara. «Veste sempre, mas sempre, uma camisa e meias limpas. Nunca se sabe quando se tem um acidente.»

Oh... Santo... Deus. Lembrava-se agora de tudo. A chuva... o desmaio...

Izzy ergueu os olhos e ali estava ele.

O Acidente.

— Já acordou — disse ele, sem se voltar para o confirmar.

— Sim. Onde estão as minhas coisas?

— A sua malinha está cá dentro, dois passos à direita da porta.

Izzy voltou o pescoço e avistou a mala, exatamente no local em que ele lhe dissera que estaria. Não se mexia nem estava aberta. *Snowdrop* deveria estar ainda a dormir. Era um alívio.

— O seu vestido está ali. — Apontou para o local onde o vestido se encontrava, pendurado nas costas de duas cadeiras direitas, a secar junto ao lume. — Os seus saíotes estão estendidos sobre aquela mesa e o seu espartilho está na outra...

— Muito obrigada. — Izzy queria morrer. Toda a situação era mortificante. Desmaiar junto às botas de um belo desconhecido já era embaraçoso, mas ouvi-lo catalogar a sua roupa interior? Apertou o cobertor de encontro ao peito. — Não precisava de se ter incomodado.

— A senhora precisava de respirar. E eu precisava de ter a certeza de que não estava ferida nem tinha algum osso partido.

Ela não estava convencida de que aqueles cuidados reque-ressem despi-la até a deixar em camisa. Uma rápida olhadela dir-lhe-ia se estava ferida.

— Está doente? — perguntou ele.

— Não. Pelo menos, penso que não.

— Estará à espera de bebé?

A gargalhada dela assustou o cão.

— Pode ter a certeza de que não. Não sou do tipo de mulheres que desmaiam, posso garantir-lhe. Só que não comi grande coisa hoje.

Ou ontem, ou anteontem.

Falava em voz rouca e áspera. Talvez se estivesse a constipar, o que também ajudaria a explicar o desmaio.

Durante a conversa, o anfitrião manteve-se junto à lareira, de costas para ela. Usava um casaco esticado nos ombros, mas um pouco largo na cintura. Talvez tivesse perdido peso recentemente. Mas tinha ainda um corpo de respeito, esguio e firme. O corpo daquele homem era como aquela grande sala em volta deles. Estava um pouco descuidada, mas era impressionante e forte até aos ossos.

E aquela voz. Oh, era um perigo.

Izzy não sabia o que a perturbava mais: que este belo e sombrio desconhecido tivesse tomando tantas liberdades com a sua pessoa — transportando-a nos braços, desapertando-lhe o espartilho, retirando-lhe os ganchos do cabelo e despindo-a até ficar com a sua fina roupa interior — ou o facto de ter dormido durante todo o tempo.

Lançou-lhe outro olhar de soslaio, e viu-o recortado na luz das chamas alaranjadas.

Perturbava-a mais o último facto. Sem sombra de dúvida. Passara o quarto de hora mais emocionante da sua vida completamente insensível. *Izzy, és uma tonta.*

Mas, embora não tivesse qualquer lembrança de ter sido trazida para dentro à chuva, o seu corpo parecia ter memória própria. Por baixo do grosso cobertor, ardia com a sensação de mãos fortes na sua carne fria. Como se o toque dele tivesse ficado gravado na sua pele.

— Obrigada — disse ela. — Foi muita bondade sua ter-me trazido para dentro.

— Tem aí chá. À sua esquerda.

Numa mesa ali perto havia uma caneca lascada cheia de líquido fumegante — à esquerda, conforme ele dissera. Ela pegou-lhe, deixando que o calor se introduzisse nas palmas das mãos, antes de a erguer para beber um gole nutritivo.

Sentiu o fogo percorrer-lhe a garganta.

Tossiu.

— O que é que isto tem?

— Leite. E uma gota de uísque.

Uísque? Bebeu de novo. Não se podia dar ao luxo de ser esquisita. Quando bebida com a devida cautela, a beberagem não era assim tão má. Ao engolir, um calor rude e fumegante agitava-se dentro dela.

Na mesma mesa encontrou um pequeno pão e atirou-se a ele, faminta.

— Quem é o senhor? — perguntou entre dentadas. A tia Lilith não ficaria satisfeita com as suas maneiras.

— Sou Rothbury. A senhora está no meu castelo.

Izzy engoliu em seco. Aquele homem afirmava ser o Duque de Rothbury? Era difícil de acreditar. Os duques não deviam ter criados para fazer o chá e vestirem-nos convenientemente?

Que Deus a ajudasse. Talvez estivesse ali fechada com um louco.

Izzy puxou mais o cobertor. Apesar das suas dúvidas, não ia arriscar-se a provocá-lo.

— Não me tinha apercebido — disse. — Devo dirigir-me ao senhor duque como «Vossa Graça»?

— Não vejo necessidade. Dentro de algumas horas, espero que se refira a mim como «Aquele traste mal-educado que impertunei numa tarde de chuva, mas que nunca mais aborreci».

— Não queria causar-lhe problemas.

— As mulheres bonitas causam sempre problemas, quer queiram quer não.

Outra provocação. Ou loucura. Izzy não tinha a certeza. A única coisa de que não tinha dúvidas era de que não era bonita. Por mais que beliscasse as faces ou apanhasse o cabelo agressivamente encaracolado. Era feia e não havia outra forma de o dizer.

Porém, este homem não era uma pessoa vulgar. Izzy observou-o enquanto ele lançava mais lenha para o lume. Acrescentou um tronco da grossura da sua perna com a mesma facilidade com que pegaria numa acendalha.

— Sou a Menina Isolde Goodnight — disse. — Talvez já tenha ouvido o meu nome.

Ele remexeu o lume.

— Porque haveria de ter ouvido esse nome?

— O meu pai era Sir Henry Goodnight. Erudito e historiador, mas era mais conhecido como escritor.

— Então isso explica porque não o conheço. Não leio.

Izzy olhou para as janelas em arco. A tarde escurecia. Preocupavam-na as longas sombras, tal como o facto de ter ainda de destringar todo o rosto do seu anfitrião. Sentia-se cada vez mais ansiosa, pois precisava de o ver, de o olhar nos olhos. Precisava de saber que tipo de homem a tinha à sua mercê.

— Creio que Lorde Archer poderá demorar — atreveu-se. — Não poderíamos acender uma ou duas velas enquanto esperamos?

Depois de uma pausa mal-humorada, ele pegou numa palha, acendeu-a no lume e, protegendo cuidadosamente a chama com as mãos, levou-a até uma vela fininha que se encontrava sobre a lareira.

A tarefa pareceu causar-lhe uma dificuldade pouco usual. Acendeu o pavio, mas manteve a palha junto dele até queimar as pontas dos dedos. Praguejou em surdina e apagou-a com a mão, fazendo tremer a chama.

— Detesto incomodar. Apenas... — Não sabia porque o estava a admitir, a menos que lamentasse o facto de ele se ter queimado para lhe aumentar o conforto. — Não gosto do escuro.

Ele voltou-se para ela com a vela na mão. Um canto da sua boca ergueu-se numa escala cheia de ironia.

— Também ainda não fiz as pazes com ele.

A chama lançou-lhe no rosto uma luz dourada. Izzy sobressaltou-se. As suas feições escupidadas e aristocráticas quase atestavam a afirmação de que era um duque. Mas algo mais no rosto dele contava uma história diferente.

Uma cicatriz trágica, irregular, riscava-lhe a face da sobrancelha à têmpera, terminando no cimo da maçã do rosto. Embora a chama da vela tremeluzisse e brilhasse, não semicerrou os olhos nem concentrou o olhar.

Claro.

Izzy percebeu finalmente do que se tratava. Por fim, alguma coisa fazia sentido naquele dia.

Tudo fazia agora sentido.

A sala escura, a sua recusa em ler a carta que ela trazia, o modo como se assegurara da sua saúde usando as mãos. Os seus vários comentários em relação à sua beleza, apesar do que deveria ter sido uma ampla prova do contrário.

Ele era cego.





Capítulo Dois

Ransom ficou imóvel, deixando que a vela iluminasse o lado distorcido do seu rosto. Mantivera-se à distância para a poupar àquilo, mas ela pedira luz.

Agora esperava, permitindo-lhe um olhar demorado.

Mas não houve gritos, nem exclamações abafadas de horror ou pancadas surdas no chão. Dessa vez não. Dela nada vinha senão a mesma fragrância provocante a rosmaninho.

— Muito obrigada — disse Izzy. — Pela vela.

A voz dela era ainda mais excitante do que o perfume. Tinha o sotaque de uma recatada menina inglesa — mas com uma certa nuance inegavelmente rouca e sensual.

— O seu ferimento é já antigo? — perguntou. — Foi ferido numa batalha? Num duelo? Num acidente?

— É uma longa história.

— Gosto muito de histórias longas.

Ele bateu de forma decidida com o castiçal na mesa.

— Desta não.

— Lamento. Sei que é uma terrível ousadia da minha parte perguntar-lhe. Tinha decidido não o fazer, mas depois pensei que certamente deveria saber o que eu estava a pensar. Se fingisse um súbito interesse no teto ou no tempo, isso seria também uma espécie de insulto. E o senhor parece-me um daqueles homens que preferem a honestidade à falta de sinceridade, mesmo quando tal os incomoda, por isso — a voz dela baixou meia oitava — decidi perguntar.

E ficou em silêncio. Por fim.

Ele sentia-se irritado com a reação do seu corpo à presença dela. Aquela feminilidade era como uma capa de renda que lhe ocupava a cadeira favorita. Não era uma coisa que traria para a sala, mas já que lá estava... não podia negar que uma parte dele, dilacerada, menosprezada, desejava aquela suavidade.

Raios! Desejava-a dolorosamente e sentia-o até aos ossos.

— Muito bem. Não vou insistir em que me conte a história que está por trás — disse ela num tom alegre. — Mas vou avisá-lo: provavelmente inventarei uma.

— Invente as histórias que desejar. Mas não faça de mim o herói de todas elas.

— Quando devemos esperar a chegada de Lorde Archer?

Como se Ransom soubesse. Não fazia a mínima ideia de quem seria esse tal Archer.

— Deve haver um mal-entendido. Quem quer que a senhora procure, não se encontra aqui. O meu criado regressará em breve. Vou dizer-lhe que a acompanhe a Woolington.

Ela hesitou.

— Suponho então que devo vestir-me.

— Faça o obséquio — acenou a convidá-la. — Não há aqui quarto de vestir. E, se nesta altura ainda não percebeu, não precisa de esperar que eu afaste os olhos.

Mesmo assim, voltou-se para a parede. Fez estalar a língua, chamando *Magnus* para junto de si.

Atrás dele, passos leves tocaram no chão. O roçar de saiotas perturbou-lhe a calma. Baixou-se para afagar ao de leve o cão.

— Há uma montanha de correspondência na sua mesa — comentou ela. — Tem a certeza de que Lorde Archer não lhe escreveu?

Ransom refletiu. Na verdade não podia estar seguro de nada relacionado com a sua correspondência. Duncan tinha várias capacidades, mas nenhuma se poderia associar às de secretário.

— Só que... agradeço a oferta do transporte para Woolington — disse ela. — Mas não sei para onde ir depois. Vejo que esvaziou a minha bolsa sobre a mesa. Deve ter percebido o pouco que há nela.

Ele percebera. Havia exatamente três xelins e dez pence na bolsa. Não tinha joias de valor. Não revistara a malinha, mas ela quase nada pesava.

— Se me obrigar a sair esta noite, não terei para onde ir.

Ransom ouviu-lhe uma leve tremura na voz.

Fechou os ouvidos para não a escutar.

Não imaginava por que razão uma jovem sem companhia faria aquela viagem sozinha até ao meio de Nurthumberland à custa dos seus últimos xelins.

Mas esta Menina Goodnight teria de se despedir dele. Não lhe desejava mal, mas nada tinha para lhe oferecer. Se procurava um salvador, não encontrara o homem certo.

— O meu criado pode conduzi-la à igreja da aldeia — disse. — Talvez o vigário...

A orelha de *Magnus* ergueu-se sob o toque do dono. A cabeça do cão vibrou com um rosnido baixo, quase inaudível.

Um momento depois, Ransom ouviu um som. Cascos de cavalo subiam a estrada. Num ritmo que não lhe era familiar.

— Afinal talvez esse Lorde Archer tenha vindo ter consigo.

Ela soltou um suspiro audível.

— Graças a Deus.

— Realmente.

Poucos minutos depois, os passos do intruso soaram no pátio.

— Olá, está alguém? Menina Goodnight?

Ela correu à janela e gritou para baixo:

— Aqui em cima, excelência. No salão.

Assim que o homem entrou no salão, os seus passos dirigiram-se diretamente ao sítio onde eles se encontravam, junto a lareira. Confiantes, curtos, demasiado rápidos.

Ransom rangeu os dentes. Maldição. Detestava estar em constante desvantagem, incapaz de controlar a situação.

O atizador da lareira estava à mão. Ergueu-o.

— Pare aí!

Os passos detiveram-se a pouca distância. Sentiu uma nova fonte de escrutínio a queimar-lhe o rosto marcado.

— É...? Mas não pode ser. — O recém-chegado deu um passo em frente. — Rothbury? Valha-me Deus. É como ficar frente a frente com um fantasma.

— Não o conheço — disse Ransom.

— Não. Mas eu conheço-o — a voz de Archer transformou-se num murmúrio. — Eu estava na lista dos convidados. Do lado da noiva.

Ransom endureceu o maxilar, mas manteve uma expressão impassível. Não daria a este canalha o prazer da sua reação.

— Ninguém o vê há meses — prosseguiu Archer. — Na cidade é voz corrente que o senhor morreu.

— Pois a voz corrente enganou-se.

A verdade era ainda pior.

Ransom bateu com o atizador na pedra em jeito de ameaça. Este era o seu castelo. Não respondia a perguntas dentro dele; fazia-as.

— Explique-se. O que pretende, ao atrair para minha casa mulheres ingénuas?

— Para sua casa? — Archer soltou uma gargalhada num tom baixo e desconcertante. — Ora, parece-me que isto vai ser interessante.

Izzy sentia-se como se tivesse entrado no terceiro ato de uma peça de teatro. Não fazia ideia do que se passava, mas tudo aquilo lhe parecia insuportavelmente dramático.

Lorde Archer assemelhava-se a um ator elegante. Gostou de ver a sua gravata engomada e as luvas a condizer. Marcas de que a civilidade ainda existia algures no mundo.

— Se me permitir falar com a Menina Goodnight — disse Archer, imperturbável perante a arma improvisada que se erguia junto ao seu peito —, creio que darei resposta a todas as suas perguntas.

O Duque de Rothbury — pois, afinal parecia ser o duque — baixou o atizador. De má vontade.

— Fale.

Lorde Archer voltou-se para Izzy. Sorriu e esfregou as mãos.

— Pois bem, estava ansioso por conhecer a famosa Izzy Goodnight. As minhas sobrinhas ficarão verdes de inveja. — O entusiasmo desvaneceu-se ao examiná-la. — Devo dizer que a senhora não é exatamente o que eu esperava.

Izzy disfarçou um suspiro. Nunca era.

— Sempre a imaginei como uma criança inocente — disse.

— Tinha doze anos quando as histórias do meu pai começaram a aparecer na *Gentleman's Review*. Mas isso foi há quase catorze anos. E, pela ordem natural das coisas, envelheci um ano a cada ano que passou.

— Sim — sacudiu a cabeça. — Suponho que assim seja.

Como resposta, Izzy limitou-se a esboçar um sorriso. Há muito tornara seu hábito conter os comentários quando falava com os admiradores do pai. Os Lordes Archers deste mundo não queriam Izzy adulta, com um conjunto de coisas de que gostava e não gostava, com sonhos e desejos. Queriam-na a menina inocente das histórias. Poderiam assim continuar a ler e a reler as suas amadas histórias, imaginando-se no lugar dela.

Porque era esse o mágico encanto dos *Contos das Boas-Noites*. Quando se acomodavam com o fascículo semanal, os leitores sentiam-se aconchegados debaixo da colcha quente de cor púrpura. Viam-se a olhar para um teto onde havia luas prateadas e estrelas douradas, com o cabelo espalhado na almofada para que a mão amorosa do pai o acariciasse. Desejavam a promessa que lhes era familiar.

Apaga a luz, querida Izzy, e vou contar-te uma história tal...

A verdade da sua infância não correspondia ao que era publicado nas revistas. Mas, se alguma vez o dava a entender, oh, então as pessoas ofendiam-se. Olhavam-na como se ela tivesse acabado de arrancar as asas à última e verdadeira fada de Inglaterra.

Lorde Archer sentou-se no braço do sofá, inclinando-se para ela para lhe dizer em confidência:

— Diga-me, sei que lhe devem perguntar sempre isso, mas as minhas sobrinhas garrotavam-me com as cordas de saltar se eu não tentasse. Não creio que o seu pai...

— Não, excelência. — Apertou os lábios num sorriso. — Não sei como a Cressida foge da torre. E lamento não fazer ideia da verdadeira identidade do Cavaleiro das Sombras.

— E o Ulrich continua suspenso naquele parapeito?

— Tanto quanto sei. Lamento.

— Não importa. — Lançou-lhe um sorriso bem-humorado. — A culpa não é sua. Mais do que qualquer outra pessoa, a senhora deve sentir-se torturada pela incerteza.

Nem faz ideia.

Torturada pela incerteza, de facto. Faziam-lhe aquelas perguntas pelo menos três vezes por semana, cara a cara ou por carta. O pai morrera subitamente de uma apoplexia, também a saga que escrevia fora interrompida. As suas amadas personagens haviam sido deixadas em todo o tipo de situações perigosas. Fechadas em torres e suspensas do alto de rochedos.

Porém, era Izzy quem se encontrava nos piores trabalhos. Desprovida de todas as suas posses, expulsa da única casa que conhecera. E ninguém pensava em perguntar pelo *seu* bem-estar. Só se preocupavam com Cressida fechada na torre e Ulrich suspenso por três dedos de um parapeito.

— O meu pai ficaria extremamente grato por perguntar — disse Izzy. — E também eu agradeço. — Era verdade. Apesar das suas atuais circunstâncias, sentia-se orgulhosa da herança Goodnight.

Junto à lareira, o duque pigarreou.

— Excelência — disse ela. — Creio que o nosso anfitrião está desejoso de que partamos. Posso perguntar-lhe acerca desse legado que o meu padrinho me deixou?

— Ah, sim. — Lorde Archer remexeu numa pequena pasta. — Trouxe comigo todos os documentos. Podemos tratar de tudo ainda hoje. Rothbury pode entregar-lhe as chaves, se as houver.

— Chaves? — Izzy sentou-se muito direita. — Não compreendo.

— A sua herança, Menina Goodnight, é esta. O castelo.

Izzy sentiu-se a perder o fôlego.

— *Como?*

Em voz sombria, o duque também protestou.

— Impossível.

Lorde Archer semicerrou os olhos para olhar para os documentos.

— Pois bem: «À Menina Isolde Ophelia Goodnight, eu deixo a propriedade conhecida como Castelo de Gostley.» Pronuncia-se «Ghostly» ou «Ghastly»¹? Ambas parecem apropriadas.

— Pensei que o legado fosse em dinheiro — disse Izzy abanando a cabeça. — Cem libras. Talvez duzentas.

— Não há dinheiro, Menina Goodnight. Apenas o castelo. Lynforth tinha várias afilhadas e parece que nunca lhes deu grandes presentes. Nos últimos anos da sua vida, decidiu deixar a cada uma delas o sonho de todas as meninas. Um castelo.

— Espere um pouco — interrompeu o duque. — Este castelo pertence há anos à minha família.

Archer olhou para documentos.

— E parece que foi vendido a Lynforth há uns meses. — Ergueu os olhos para Izzy. — Suponho que para a senhora seja uma surpresa.

¹ A pronúncia destas duas palavras, que significam «fantasmagórico» e «horroroso», é muito semelhante à de Gostley. [N. da T.]

— Estou assombrada — admitiu Izzy. — O conde foi muito bom para mim, mas nem sequer era meu padrinho. Não era bem isso. Era o patrono do meu pai na Corte.

Izzy fora apresentada algumas vezes a Lorde Lynforth, a mais recente das quais quando o pai fora nomeado cavaleiro. Nessa ilustre ocasião, o velhote retirara um doce do bolso do colete e oferecera-o a Izzy com uma palmadinha na cabeça, sem reparar que ela faria vinte anos dentro de dias. As suas intenções eram boas.

E agora o velhote deixava-lhe um castelo?

Um castelo.

Archer passou a Izzy a pasta com os documentos.

— Está tudo aí. Um exemplar do testamento, o registo da propriedade. Este castelo e tudo o que ele contém passa a ser seu.

Ela pestanejou ao olhar para a pasta.

— Mas que devo eu fazer com isto?

— Se não quiser viver aqui? — Lorde Archer olhou para o teto alto e encolheu os ombros. — Suponho que possa limpá-lo. E tentar vendê-lo...

Trás.

Izzy baixou a cabeça enquanto qualquer coisa explodia contra a parede oposta.

Olhou em volta para descobrir de onde viera o estrondo. Não teve de procurar muito. Com outra explosão de força, o duque pegou numa cadeira e atirou-a também de encontro à parede.

Trás, segunda vez.

Lascas de madeira caíram em cascata para o chão.

No rescaldo daquela atitude, o duque ficou a recuperar fôlego, com os músculos tensos numa espiral de energia. Era um magnífico, volátil e inegavelmente *viril* retrato de fúria. Izzy sentia-se dividida entre a admiração e o medo.

— Ela não pode ficar com o castelo — disse. — Não pode viver aqui. Não pode limpá-lo para o vender. — Bateu com o punho no peito e Izzy sentiu os braços arrepiados. — Sou Ransom William

Dacre Vane, o décimo primeiro Duque de Rothbury. Este é o *meu* castelo.

O cão-lobo uivou. A tensão crepitou e encheu o salão.

Lorde Archer remexeu nos papéis com o mesmo à vontade com que o faria se os móveis não tivessem explodido.

— Então muito bem. Duque ou não... parece que não teve conhecimento destes assuntos, pois não, Rothbury?

O duque não respondeu, a menos que uma agitação palpável pudesse contar como resposta — e, nesse caso, respondera violentamente.

— Receio que os documentos sejam muito claros — disse Archer. — O castelo pertence agora à Menina Goodnight.

— Não pode ser — respondeu o duque. — Porque não o vendi.

— Quando um homem desaparece da face de Inglaterra durante sete meses, é de calcular que os seus advogados comecem a tratar dos assuntos. — Archer lançou um olhar para a mesa comprida cheia de envelopes por abrir. — Provavelmente a informação estará algures nessa avalanche postal.

Izzy olhou para a pasta que tinha na mão. Chegara com uma bolsa vazia e a barriga a dar horas. Ainda tinha a bolsa vazia e a barriga a dar horas. Mas agora tinha um castelo. E um duque dentro dele.

— Muito bem. Está feito. Vou andando. — Depois de fechar a pasta, Lorde Archer pegou na mala e preparou-se para abandonar a sala.

— Espere. — Izzy foi atrás dele e agarrou-o pela manga. Baixou a voz. — Tenciona deixar-me aqui? Sozinha neste... castelo fantasmagórico e horroroso? Certamente que não.

— Menina Goodnight, por muito que gostasse de passar mais tempo neste local encantador, sou um homem muito ocupado. A herança de Lynforth obriga-me a percorrer toda a Inglaterra, dividindo estes montes de pedra bolorentos por jovens ingénuas. Posso oferecer-lhe a viagem de regresso à aldeia. Mas certamente o seu cocheiro virá buscá-la em breve.

O seu cocheiro?

Claro. Lorde Archer nunca acreditaria no seu estado de indigência — sem fundos, casa ou transporte. Partiria do princípio de que uma carruagem elegante, com póneis brancos, a esperava ao virar da esquina.

E, a menos que desejasse manchar a memória do pai, expondo-o como um descuidado gastador, Izzy não poderia corrigir essa suposição.

— Sim, virá buscar-me em breve — disse em voz fraca. — Não duvide.

Lorde Archer lançou um olhar ao castelo e depois a Izzy, erguendo uma sobrancelha com uma expressão divertida.

A seguir fez uma coisa imperdoável.

Deu-lhe uma condescendente palmadinha na cabeça.

— E aqui está a pequena Izzy Goodnight. Uma menina que tanto gosta de aventuras.



*Uma donzela perdida, um castelo misterioso,
um duque com um temperamento
e um passado um pouco... complicados.
O cenário perfeito para um amor improvável.*

Como filha de um afamado escritor, Isolde Ophelia Goodnight, também conhecida por Izzy, cresceu em redor de românticos contos de cavaleiros corajosos e belas donzelas. As histórias daqueles livros prometiam inúmeras possibilidades. E por isso mesmo nunca duvidou de que o romance teria lugar também na sua vida.

À medida que foi crescendo, porém, foi riscando essas possibilidades da lista. Uma a uma:

~~O patinho feio que se tornou cisne.~~

~~Ser raptada por um atraente saltador de estrada.~~

~~Ser salva da miséria por um príncipe encantado.~~

Alto lá...

Agora que os seus desejos de amor romântico se haviam gorado, Izzy já estava resignada a uma vida de mera subsistência. Mas havia um conto de fadas predestinado a esta mulher de vinte e seis anos, não tão atraente quanto isso, pobre e que nunca fora beijada. Esse conto de fadas era...

Este.

«Um romance perfidamente divertido e que faz bem à alma de todos os românticos.»

Booklist

«Um conto de fadas com um toque único, mas que tem lá tudo: um castelo antigo, uma dama em apuros e um herói ferido. Um romance para ser saboreado.»

Publishers Weekly



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

TOPSELLER

ISBN 978-989-8491-32-9



9 789898 491329

Ficção Romântica